



Vinicius Canhoto¹

Rua Loefgreen N° 1667

Desço no metrô Santa Cruz, ditado pelo tempo da aceleração ainda sonolento da razão que havia produzido monstros em meus sonhos. Quantos amores passaram por mim, quantos deixei passar, quantos se perderam para sempre pelas estações? - “O amor e leitura são a ocupação dos ociosos”. Penso em Proust, no amor que busca ser correspondido e na reciprocidade das relações que são miragem, mal-entendido, interpretação ou reminiscência. Após o triunfo das filosofias do progresso não há mais tempo livre, tempo tecido artesanal e coletivamente. Os homens trabalham mecanicamente para acumular riquezas: espírito de poupança e trabalho, tempo de juros e usura que tentam prever e dominar o tempo. O tempo de agora. O tempo expropriado de sentido. A Queda do homem. Em meio às *krisis*, o homem não para para refletir. Houve uma época em que Sócrates podia se sentar sem pressa às margens do pequeno rio Ilisso, nos arredores de Atenas, e podia se negar a ser um mero Sísifo, “proletário dos deuses”, por isso, declamava elogios aos encantos da sombra das árvores antes de começar um diálogo e nele se demorar, interpelando os atarefados que se precipitavam para cuidar de seus negócios, perguntando-lhes em que essas atividades podiam fazê-los homens bons e virtuosos. Os gregos compreendiam que o trabalho como um fim em si mesmo era sem sentido, uma monotonia infundável, que tornava os dias longos demais e a vida por demais breve. Hipócrates sussurrava: “A vida é breve, a arte é longa, a oportunidade passageira, a

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: viniciuscanhoto@hotmail.com.

experiência enganosa, e o julgamento difícil”. Penso na preguiça heróica de Paul Lafargue, tempo avesso à aceleração capitalista e das inovações tecnológicas, um tempo anti-cronológico, avesso à utilidade, tempo do culto e do cultivo, como escreveu Julio Cortázar: “Tudo é escritura, ou seja, fábula. A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo”. *Paidéia* para ler e escrever e ocupar bem o tempo livre. *Dillettare* para deleitar-se, entregar-se a algo por prazer. Tão distante do castigo judaico de tirar da terra, com trabalhos penosos, o sustento de todos os dias da vida, comer o pão com o suor do rosto, que fez do homem o *homo faber* em busca febril de coisas terrenas, um filisteu incapaz de compreender a *joie-de-vivre* do *homo ludens* em seu corpo a corpo com o destino.

Antes de voltar a ver o sol, preciso sair do labirinto que abriga em seu interior não um, e sim dúzias de touros uniformizados e cegos, enfurecidos, em cuja goela é preciso lançar não uma virgem tebana por ano, e sim, a cada manhã, milhares de jovens operárias anêmicas e operários sonados. Entro em outro labirinto do desejo, de diversos mitos modernos, santuários do culto do efêmero, paisagem fantástica dos prazeres e das profissões malditas, fonte de todas as perversidades e, também, de ânsia por novidades: o labirinto do consumo. Vejo a produção em série das mercadorias, a monotonia da multiplicação ao infinito do mesmo, sinto o medo e o pânico da deriva, entre prateleiras e vitrines das galerias e lojas de departamento, fantasmagorias que dissimulam as pequenas variações nos protótipos de maneira a dissimular o sentimento de angústia e induzir à compra, para manter o circuito do sistema capitalista em funcionamento. Durante algum tempo sinto-me um *flâneur*, um perito do mercado, dono de um saber próximo da ciência oculta da conjuntura e das flutuações do mercado como um espião que o capital envia ao reino do consumidor. Percebo: o tempo tardio, o fim da aura, o desenraizamento. Os andares e escadarias rolantes constituem uma Babel espacial em que o assombro do espaço é o assombro da privação do espaço, a ilusão de infinidade e proteção, provocada pelos vidros, coincide com seu fechamento por portas automáticas.

Escapo para a rua e retomo o antigo caminho. Penso na burocracia, na vaidade e veleidades da estrada do caminho velho. O caminho novo traz consigo os terrores da errância, nas voltas e decisões incalculáveis dos caminhos. Todo caminhante solitário sente o poder que as antigas diretrizes exerciam sobre as hordas errantes: guiar-se pelo vento, pelo sol ou pelas estrelas, porém, no mundo desencantado, a Via Láctea foi secularizada. Todavia há um saber oculto em quem percorre uma rua e parece não precisar de uma mão que o aconselhe e guie. Além disso, há placas e faixas de asfalto, monótonas e fascinantes. Recordo-me que não

estou a caminho do planetário. A Rua Loefgreen parece ter mão única, não há como se perder.

No coração de São Paulo, penso em “Paris, o inferno dos anjos, o paraíso dos demônios” e na “noite de São Bartolomeu dos operários parisienses”. Era do Capital e das barricadas, arquétipo da modernidade, tempo do inferno, das revoluções e das contra-revoluções, teatro do mundo e palco da *bohème* e de uma nova personagem: o herói revolucionário. No mundo desencantado, a modernidade valoriza as paixões e o excesso. Caim, o proletário, injustamente desfavorecido por Deus, guilhotina seu irmão burguês, Abel. Vendo os ônibus que vão para o Ibirapuera, penso no primeiro ônibus na linha dos bulevares, da Bastilha à Madeleine, em 1828, e o último bonde puxado por cavalos, na linha Pantin-Ópera, em abril de 1913. Era a *belle époque*, período em que humanidade deveria despedir-se de seu passado reconciliada e uma forma de reconciliação era a *alegria*. Este sentimento me conduz ao reencontro com café e chocolates no *intérieur* da sala de estar, à direita do piano, coberto por fotos antigas de família.

Vou em busca da delicadeza perdida no mundo desencantado, em busca da *philia* pelas páginas dos livros grifados à caneta, do cuidado de si, dos seus e da polis. Reencontro-me com a *Bildung und Kultur* que marcaram meus anos de aprendizado e formação. Frases geniais e aforismos encantadores ditos de forma livre e espontânea como uma *jam session* filosófica, que dispensa qualquer partitura, que eu quero anotar porém faltam-me folhas, canetas e velocidade o suficiente para registrar toda a fortuna crítica que é narrada de improviso. Sei que a memória irá me trair nos pormenores como os fios desfeitos do tear de Penélope, que *madeleine* alguma trará de volta o tempo redescoberto na pequena ética da etiqueta dos costumes, no *esprit de finesse* que se traduz em erudição e generosidade, gentileza e delicadeza.

Recebido em 30.10.2018.

Aceito para publicação em 05.11.2018.

© 2018 Vinicius Canhoto Gomes Machado. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).